

ENFRENTANDO O LUTO E A VIVÊNCIA PARENTAL APÓS O SUICÍDIO DE UM FILHO: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.

Márcio Luís Silveira Barbosa¹ e Túlio Leitholdt Simões²

Orientadora: Gislâne Martins³

RESUMO

Este estudo, trata-se de uma revisão narrativa que teve por objeto compreender o processo de luto parental, após o suicídio de um filho. Para a realização da presente revisão, utilizou-se as bases de Pepsic – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, Google Acadêmico e Scielo – Scientific Electronic Library Online. As bases de dados foram consultadas a partir das palavras chaves “luto” and “luto parental” and “suicídio”, compreendendo o período de 2012-2022. Do total dos 97 estudos encontrados nas três bases de dados, foi selecionado para a amostra final, o total de 13 estudos. Enquanto resultado foi possível evidenciar que o luto dos pais por suicídio de um filho acarreta sentimentos intensos de tristeza, raiva, culpa e vergonha. O luto por suicídio portanto, caracteriza-se de forma mais intensa, em virtude do próprio ato, como algo inesperado e impactante. Dessa forma, foram também elucidados diversos aspectos que podem comprometer e dificultar o luto, entre os principais dificultadores podemos elencar: principais a falta de apoio, a presença de sentimentos de culpa e a ausência de apoio conjugal/familiar e social. Conclui-se, portanto, o luto é uma vivência individual, que carece atenção especial por parte dos profissionais da saúde, na medida em que podem contribuir para minimizar os impactos negativos destes sujeitos. Uma vez que o luto mediante o suicídio de um filho, é processo complexo que interfere na dinâmica familiar e qualidade de vida como um todo.

Palavras-chave: Luto. Luto parental. Suicídio.

ABSTRACT

This study is a narrative review that aimed to understand the process of parental grief after the suicide of a child. In order to carry out this review, the databases of Pepsic – Electronic Journals in Psychology, Google Scholar and Scielo – Scientific Electronic Library Online were used. The databases were consulted using the keywords “mourning” and “parental grief” and “suicide”, covering the period 2012-2022. From the total of 97 studies found in the three databases, a total of 13 studies were selected for the final sample. As a result, it was possible to show that the parents' grief over a child's suicide causes intense feelings of sadness, anger, guilt and shame. The mourning for suicide, therefore, is characterized more intensely, due to the act itself, as something unexpected and impacting. In this way, several aspects that can compromise and make mourning were also elucidated, among the main obstacles we can list: the main ones are the lack of support, the presence of feelings of guilt and the absence of marital/family and social support. It is concluded, therefore, that mourning is an individual experience, which requires special attention from health professionals, insofar as they can contribute to minimizing the negative impacts of these subjects. Since grief over the suicide of a child is a complex process that interferes with family dynamics and quality of life as a whole.

Keywords: Mourning. Parental grief. Suicide.

INTRODUÇÃO

A perda de um ente querido causa dor nos demais membros da família, gerando um processo que corresponde ao luto familiar, tema de uma série de trabalhos e estudos. A compreensão acerca desse processo de luto familiar, as estratégias de enfrentamento, entre outros, tem sido objeto de estudo deste artigo, mais especificamente, o luto pelo suicídio de um filho. Portanto, é necessário entender o processo pelo qual estes passam após a perda.

De acordo com Parkes (1998), a morte e o luto de um ente querido é um momento limitado de reflexão sobre si mesmo, permitindo que a sobrevivência seja enfrentada de uma nova forma. Este é o ciclo de vida, o qual é o aprendizado nas aulas de ciências desde a infância, nascimento, desenvolvimento e morte. São eventos naturais e fazem parte de qualquer ciclo de vida biológica.

Nesse sentido, este trabalho buscou analisar as características e experiências de vida de familiares após o suicídio de um filho, e compreender o processo do luto na família. Além disso, os recursos utilizados pelos familiares para aceitar a morte no cotidiano familiar, principalmente, na compreensão das informações sobre a morte e os sentimentos da família.

O Ministério da Saúde (2017) divulgou um estudo sobre o suicídio compreendendo os anos de 2011 a 2016. Nesse relatório, consta a quantidade de 62.804 mortes no Brasil. Destes 79% realizados pelo gênero masculino, 60,4% representavam solteiros, viúvos ou separados, 15,2% representam os índios, 5,9% brancos e 4,7% negros. Na faixa etária dos 15 a 29 anos, o estudo demonstrou um percentual de 9 mortes para cada 100 mil habitantes no gênero masculino e 2,4 para cada 100 mil habitantes no gênero feminino. Sendo, no entanto, a quarta principal causa de mortes dos jovens no país.

Todos os anos, cerca de 800.000 pessoas em todo o mundo morrem por suicídio, o que significa que uma pessoa morre a cada 40 segundos. Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), é a segunda maior causa mundial de morte entre jovens de 15 a 29 anos (OMS, 2015).

Acredita-se que esse número seja ainda maior em relação às tentativas prévias. Essa é considerada o fator de risco mais importante a ser explorada. Entre os jovens de

15 a 29 anos, é a segunda principal causa de morte, identificados no ano de 2015 em nível mundial. Nos levantamentos desse mesmo ano, identificou-se que em torno de 78% dos suicídios mundiais ocorrem em países de baixa e média renda. Entre os principais métodos adotados é o consumo de pesticidas, o enforcamento e a utilização de armas de fogo (ONU, 2017).

Segundo a autora Bantim (2008), o conceito de morte inclui múltiplos atributos e associações, como dor, ruptura, descontinuidade, ignorância e tristeza. Esses sentimentos podem afetar a família, fazendo-os usar mecanismos de defesa temporários para resistir à dor psicológica diante da perda. Momento esse que pode ocorrer com intensa negação da realidade externa por meio da fantasia ou do comportamento. Sentem raiva - nesta fase, a dor mental de lidar com a morte torna-se em agressão e resistência, pois toda a dinâmica familiar é interrompida pela morte.

Considerando as similaridades encontradas na vivência do luto, pode-se afirmar que as emoções suscitadas e expressas diante da morte não são apenas pessoais, mas também dependem da sociedade, do tipo de morte, do status social dos mortos e sobreviventes e de sua relação com os mortos. A cultura e a sociedade mudaram o status pessoal em face da morte. Porém, independentemente de religião, cultura, sociedade ou época, a morte é considerada a distância entre a convivência humana e o indivíduo (RODRIGUES, 2006). As pessoas se preocupam com a morte principalmente porque traz dor, sofrimento e uma série de sintomas incapacitantes, que alteram a qualidade de vida, e por significar perda, separação, luto, medo, raiva e tristeza (RODRIGUES, 2006).

Assim, o questionamento norteador desse estudo foi: quais as principais estratégias de enfrentamento vivenciadas nas fases do luto após o suicídio do filho? Diante da formulação da questão orientadora desse estudo e a partir da revisão de literatura, sobre as estratégias de enfrentamento ao luto por parte dos pais e o suicídio de um filho, consideramos as seguintes hipóteses: (1) A hipótese da possibilidade de encontrarmos registro de culpabilização entre ambos os pais; (2) A segunda hipótese de que os pais que não possuem uma estratégia de enfrentamento ao luto eficiente tendem a ter dificuldades em superar as etapas do processo de luto; (3) A terceira hipótese é de que o luto em casos de suicídio possui um agravante na sua superação pelo fato desta morte ser inesperada e violenta.

Como objetivo principal, buscou compreender as principais estratégias de enfrentamento ao luto após o suicídio de um filho. Os objetivos específicos definidos foram: a) identificar quais fatores são facilitadores e quais fatores são dificultadores durante o processo de enfrentamento ao luto; b) Compreender a disposição de viver as fases do luto ou se existe um momento de fuga ou negação por parte dos pais.

SUICÍDIO

O termo suicídio possui origem do latim. Formado pelas palavras ‘*Sui*’ (sí mesmo) e ‘*caederes*’ (ação de matar). O termo foi empregado pela primeira vez em 1937 por Desfontaines para nomear o ato de tirar a sua própria vida intencionalmente. No entanto esse ato historicamente recebeu diversas conotações, dependendo da classe social ao qual o mesmo ocorreu. Sendo praticado por cavaleiros ou clérigos era considerado ato de coragem e de fé inabalável - deixando-se tirar a própria vida a fim de manter os princípios. Quando praticados por nobres - um ato corajoso, honroso e respeitável. Contudo quando se tratava de camponeses ou desprovidos, era criticamente considerado como covardia ou egoísmo (COSTA et al, 2015).

A adolescência é um período de transição, durante o qual os indivíduos são particularmente propensos a reagir com atitudes suicidas em resposta a conflitos. História de adoção, problemas com relação a orientação sexual, abuso sexual, depressão e outras histórias psiquiátricas, estresse pós-traumático, abuso de substâncias e uso patológico da Internet são todos fatores de risco para suicídio entre adolescentes. Além disso, em comparação com os adultos, os adolescentes são mais afetados pela exposição à mídia e à internet, a qual podem imitar comportamentos ou situações nessas redes virtuais. Quando o assunto é exposto, a probabilidade de suicídio é alta (BATISTA; ARAÚJO; FIGUEIREDO, 2016).

Embora o suicídio possa ser um fenômeno causado pela pouca mensurabilidade de uma série de fatores (psicologia, biologia, cultura, etc.), desde o final do século 19, Emile Durkheim apontou que é possível observar e compreender as estatísticas sobre a relação entre as taxas de suicídio e certas variáveis demográficas, como sexo, faixa etária, estado civil e crenças religiosas (SILVA, et al. 2018).

As pesquisas tem tentado vincular essas variáveis ao grau de interação social entre os indivíduos e a sociedade como elemento central da explicação sociológica desse fenômeno. Embora as taxas de suicídio variem muito entre os diferentes países e regiões (OMS, 2015), busca-se ainda analisar o suicídio enquanto um fenômeno social em conformidade com normas ou leis e o os fatores que levam ao suicídio (SILVA, et al. 2018).

Durkheim apontou em 1897 que o número de mortes voluntárias varia de acordo com o grau de integração e interação do indivíduo na sociedade. Ao comparar católicos, protestantes e judeus, Durkheim acredita que o enfraquecimento dos laços tradicionais (visíveis na família, na sociedade política e na religião) é um sinal de individualização excessiva, perda de coesão e aumento do número de mortes voluntárias (DURKHEIM, 2014).

Na perspectiva existencialista Sartre entende que o sujeito busca o refúgio no suicídio como uma válvula de escape sobre suas angústias. Por não conseguir escapar de suas angústias aos quais o perseguem, para Sartre é na liberdade que o homem encontra suas angústias. Assim é por meio do suicídio que se fará cessar a angústia. (SARTRE, 1973)

A sociedade contemporânea é marcada pela cultura da mídia, e a filosofia da mídia defende a busca pela beleza, imagem, aparência e felicidade a todo custo. O consumo é um valor enorme que todos aceitam e perseguem. Tudo se consome: do fast food ao remédio, tudo que elimina a dor, melhora a felicidade e diminui a ansiedade, mesmo às custas do estado entorpecido de "matar" o sentimento, e porque não dizer que eliminar o sentido da existência. Não permita mais o ser humano a ser triste, chorar e ser infeliz. No sentido de existência incompleta e limitada, como se fosse proibida de existir, para este mundo, o mundo está sempre desolado (NOVAES, 2010).

A compreensão da sociedade frente ao suicídio pode nos fornecer pistas de como a percepção interfere nesse comportamento. Esse comportamento às vezes é avaliado como um costume social e cultural, às vezes exilado como pecado ou crime ou consequências dos transtornos mentais. “As atitudes da sociedade, como são captadas em sua literatura, leis e sanções religiosas, fornecem uma janela para as nossas reações coletivas ao auto-assassinato” (JAMISON, 2002, p.8).

MÉTODO

Para a realização da presente pesquisa bibliográfica, inicialmente utilizou-se as bases de Pepsic – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, Google Acadêmico e Scielo – Scientific Electronic Library Online. As bases de dados foram consultadas a partir das palavras chaves “luto” *and* “luto parental” *and* “suicídio”, considerando todos os estudos.

No segundo momento, foi estabelecido o período dos últimos 10 anos (2012 – 2022). Foram aplicados como critérios de inclusão: a) artigos publicados nesse período; b) artigos empíricos e de revisão; c) artigos em língua portuguesa; d) apresentar o luto parental dos pais mediante o suicídio de um filho como tema central. Já os critérios de exclusão foram: a) artigos publicados fora do período; d) estudos que abordavam outras formas de luto ou de outros familiares; c) não tinham como público-alvo os pais.

Após esses procedimentos, foram inclusos os artigos a partir da leitura do título e do resumo. Posteriormente foram lidos na íntegra aqueles que se enquadravam nos critérios anteriormente descritos. Dessa forma, durante a leitura, artigos que não enquadravam no objetivo desse estudo foram excluídos.

Na base de dados Pepsic, foram encontrados o total de 2 artigos, sendo os dois utilizados. Na base de dados Google Acadêmico, foram encontrados ao total de 94 estudos. Desses 84 foram excluídos a partir dos critérios de inclusão e exclusão. Na base de dados Scielo foi encontrados apenas 1 artigo.

Do total dos 97 estudos encontrados nas três bases de dados, foi selecionado para a amostra final, o total de 13 estudos. Vale destacar que não foram selecionados estudos que abordavam o luto de modo geral ou de outros integrantes familiares que não fossem os pais ou que a morte do filho não fosse por suicídio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante destacar que, na história da humanidade, as atitudes das pessoas em relação ao suicídio têm se tornado cada vez mais intensas depois do Cristianismo. Antes disso, não havia preceitos culturais ou religiosos relacionados ao suicídio no Antigo Testamento. A morte dos antigos gregos trazida por Homero era considerado uma honra defender certo princípio religioso ou filosófico. Sócrates é um exemplo típico: bebeu cicuta para não desistir de sua verdade. Na Grécia antiga, os estóicos e epicuristas

acreditavam que todos têm o direito de eleger o método e hora de sua morte. Em Tebas e Atenas, apenas o assassinato era ilegal. (ARAÚJO; BICALHO, 2012).

Hoje, o suicídio está relacionado aos fatores psicológicos, sociais, culturais e biológicos. Em casos mal sucedidos, o relato dessas pessoas é que a intenção real não era morrer, mas motivado por sentimentos de desesperança frente ao futuro e geralmente acometidos em casos de frustrações, traição, perdas ou fracassos pessoais ou profissionais (CHRISTANTE, 2010).

Gonçalves (2014) destaca que, embora a evidência de diferenças quantitativas entre o luto por suicídio e outras causas de morte seja mista, há evidências substanciais de que a qualidade ou os aspectos temáticos são diferentes, mais fortes e muitas vezes mais problemáticos após o suicídio.

Luto e suas fases

Segundo Medeiros e Lustosa (2011) afirmam que, o luto é um processo, no entanto, a morte quase sempre resulta em vários sentimentos complexos ao mesmo tempo, isso porque o ente querido teve emoções, amor e relações familiares diferentes em vida. O processo de luto geralmente não acontece sozinho ou separado um do outro, mas é um processo dinâmico. Isso acontece principalmente quando há uma morte na família e várias pessoas sofrem ao mesmo tempo pela mesma perda. Na verdade, esta é uma situação muito comum, porque de um modo geral o falecido tem família e, caso não more com ela, manterá relações íntimas, que se unem pelo afeto pessoal ou por parentes decorrentes de muitos anos de história, que são marcados por conexões mútuas e confiança mútua.

De acordo com a postulação teórica de Bowlby (1998), o luto perpassa por quatro fases principais, mas não necessariamente obedecendo uma ordem cronológica. São elas: o entorpecimento ou choque – estende-se por algumas horas ou até mesmo por semanas, caracterizado, principalmente, por sentimentos como desespero ou raiva; o anseio e busca da figura perdida – período em que o indivíduo começa a perceber a perda enquanto algo real em sua vida; a desorganização e desespero - momento em que a perda se demonstrou e se consolidou para pessoa enlutada, envolve sentimentos como desespero, angústia, tristeza e apatia de maneira mais intensa; e, por fim, a reorganização - quando a perda é

aceita e o enlutado percebe que uma nova vida precisa ser organizada e reiniciada sem a presença da perda.

Martins (2021) salienta que a experiência da morte pode ainda conduzir a ganhos positivos, nomeadamente uma nova compreensão e valorização da vida; descobrir o que realmente importa na vida; ter um impacto positivo nos outros em consequência da morte de um filho; ganhar uma compreensão mais profunda da religião e compreensão espiritual; tornando-se uma pessoa melhor; e tendo o conhecimento para sobreviver a situações que consideram intoleráveis.

Em relação aos aspectos que dificultam o processo do luto, Feijoo (2020) destaca principalmente no caso do suicídio de um filho, o sentimento de não ter conseguido identificar sinais e assim poder ter prevenido. De acordo com o autor, o luto pela morte do filho por suicídio é um fenómeno mais complexo do que simplesmente descrever os sinais a serem observados, e a vigilância constante não é suficiente para enfrentá-lo (FEIJOO, 2021). Outra questão que pode se tornar difícil, segundo Feijoo (2021), é quando os familiares citam culpa, vergonha e rebeldia diante do suicídio de um de seus familiares.

Quando pensamos em luto por suicídio, não podemos comparar esse processo de luto com outros processos de luto por perda. Apesar de algumas semelhanças, o processo de luto do suicídio tem detalhes, emoções e sentimentos típicos. Por ser considerada uma morte violenta e súbita, potencializa e facilita o desenvolvimento do luto complexo (LUZ et al., 2017).

De acordo com Parkes (1998), as transformações que o indivíduo que vivencia o luto precisa empreender após a perda são, em partes, sustentadas pelo que o autor denominou de “mundo presumido”. Ou seja, uma visão de mundo que o indivíduo desenvolve ao longo do tempo e que durante o luto se torna de fundamental importância. Essa visão é importante, pois destaca todas as concepções que o indivíduo elaborou ao longo da sua vida e que são a visão de mundo particular. Essas concepções ganham sentido e fornecem forças específicas na vivência do luto.

A autora Elizabeth Kubler-Ross, foi uma das pioneiras a descrever sobre o processo de quase morte e sua contribuição acentuou-se na elucidação de cinco estágios do paciente frente à morte. Ela formulou os seguintes estágios: negação, raiva, barganha,

depressão e aceitação (KUBLER-ROSS, 1985). O primeiro estágio, define-se enquanto a negação da situação vivenciada, caracterizando-se como uma defesa inicial, podendo originar desconfianças frente à doença ou mesmo dos procedimentos médicos necessários. O segundo estágio é caracterizado pelos sentimentos de raiva, ira, revolta e ressentimentos frente e iminência da morte. O terceiro estágio é caracterizado pela barganha, em que ocorrem “negociações”, geralmente com Deus ou com alguma forma de espiritualidade, na busca de algum ganho, tais como o adiamento da morte ou a diminuição da dor e do sofrimento (KUBLER-ROSS, 1985).

O quarto estágio é descrito como depressão, sendo o momento em que ocorre a profunda tristeza frente à realidade da doença ou do tratamento. E o quinto estágio é a aceitação, momento em que o paciente aceita o seu destino e onde ocorre uma diminuição por interesses e comunicação familiar. Esses estágios são importantes na compreensão do processo de morte e morrer, bem como na elaboração do luto dos familiares, uma vez que, o paciente mediante às fases, tende a repudiar ou não favorecer a comunicação, os laços afetivos e, sobretudo, os rituais de despedida (KUBLER-ROSS, 1985).

Segundo as contribuições de Worden (1998), o processo do luto é um momento que o indivíduo deve superar. O autor defende a realização desse luto por meio de tarefas que auxiliam o indivíduo a superar o luto e dar novo significado à perda, se percebendo capaz de reorganizar a sua vida, de estabelecer novas visões e novas concepções, mesmo diante da perda significativa. A primeira tarefa consistiria em aceitar a realidade da perda e, assim, o significado atribuído à morte pode envolver um poder altamente curativo. Conforme o autor, essa tarefa torna-se mais fácil quando a morte é percebida como algo natural, universal e irreversível.

A segunda consistiria em elaborar a dor da perda, sendo defendida a manifestação da de sentimentos dolorosos. Na terceira tarefa, destaca-se o ajustamento ao ambiente no qual a perda possuía maior relevância. Ou seja, torna-se necessário ao enlutado ajustar-se a esses ambientes que agora representam e se configuram de forma diferente. E na última tarefa, é conferido um aspecto psicológico frente a superação do luto: encontrar uma conexão duradoura com a perda. Nesse aspecto, o enlutado necessitaria de um espaço psicológico seguro para conectar-se com a perda, mas, ao mesmo tempo, permitindo outras vivências e a própria continuidade da vida (WORDEN, 1998).

É importante perceber mudanças nas perspectivas que buscam compreender e vivência psicológica do luto. Ao destacar a quarta tarefa descrita acima, percebe-se uma diferenciação em relação às primeiras compreensões, em que predominava a ideia de que o indivíduo que necessitava se desprender da perda (FRANCO, 2008). Desta última, destaca que o indivíduo necessita encontrar formas seguras de manter uma conexão, ainda que precise se adaptar a uma nova realidade.

Nesse sentido, estudos contemporâneos têm defendido variados modelos teóricos que contribuem na explanação e no trabalho com o luto. Entre as principais concepções atuais sobre o tema, pode-se citar as teorias que visam a reconstrução do significado do luto em resposta ao próprio luto, as teorias do entendimento do luto enquanto um processo dinâmico e as teorias de continuação do vínculo com a perda, em detrimento do desligamento total (WORDEN, 1998).

Fatores de que facilitam e dificultam o luto

No primeiro objetivo específico, estabeleceu-se identificar quais fatores são facilitadores e quais fatores são dificultadores durante o processo enfrentamento ao luto. Nesse sentido, no estudo analisado de Davel e Silva (2014) apropriaram-se da terapia narrativa em um grupo de pais enlutados. De acordo com os autores, ao contar sua história, o indivíduo deixa lacunas que podem ser preenchidas enquanto ouve outros na narrativa. Embora as experiências sejam individuais, sempre há características comuns que podem ser detectadas entre si, pois são semelhanças de ajuste de tipo de linguagem.

A partir da contextualização acima, percebe-se que, o compartilhar da experiência, seja em grupo de ajuda ou na psicoterapia é um dos facilitadores no processo de luto. No entanto, Davel e Silva (2014, p. 117-118), ao trazerem relatos dos participantes, encontraram contrariedade nessa concepção. “a mãe disse: ‘aqui é um lugar que se pode compartilhar e deixa a gente melhor’ e o marido: ‘às vezes, fico pior porque é sofrido falar sobre aqueles acontecimentos de novo’”.

O luto é "o sentimento de tristeza ou pesar pela morte de alguém." (LUTO, 2021). Porém, não tão simples quanto seu significado linguístico, é o seu processo, este que é permeado de intenso sofrimento do ser humano. Vários autores discorrem sobre o assunto, dentre eles optamos pelo conceito da Associação Americana de Psicologia

(2010) “o processo de sentir ou expressar tristeza após a morte de um ente querido, (...) Envolve tipicamente sentimentos de apatia e abatimento, (...) e diminuição na atividade e iniciativa. Essas reações são semelhantes à depressão, mas são menos persistentes e não são consideradas patológicas”.

Outro fator que atua enquanto facilitador é a realização de atividades que o filho falecido costumava fazer. Os autores Coelho Filho e Lima (2017) em sua revisão bibliográfica trazem que em relação ao processo do luto parental, destaca-se a importância do ritual como forma de amenizar a perda de um filho. Davel e Silva (2014, p.118) destacam a fala de uma das mães: “no dia do aniversário dele, mesmo com dificuldades, conseguimos ir à missa e almoçamos em companhia da família, num restaurante onde nosso filho gostava”. Os autores relacionam essas atitudes, enquanto positivas, como forma de continuar o vínculo entre pais e filhos, o que de certa forma, contribui na elaboração do luto.

Conforme destacado por Combinato e Queiroz (2006), a morte é um processo extremamente natural do ponto de vista biológico, assim como o evento do nascimento. No entanto, do ponto de vista psicológico, a morte adquire diversos significados, isso devido à atribuição de simbologia que o ser humano faz no decorrer do tempo. Dessa forma, o significado da morte varia conforme o período histórico e cultural de cada povo.

O advento da revolução industrial e científica, já na contemporaneidade, contribuiu para o surgimento de novos significados perante a morte, imprimindo maior medo no imaginário da população. Nessa perspectiva, o corpo vivo é visto como fonte de trabalho e renda, enquanto a morte deixa de ser um aspecto natural e ganha, nos hospitais, um novo ambiente – distante e frio, longe dos familiares (RODRIGUES, 1995). Dentro desses espaços, vale ressaltar que, conforme destacado por Combinato e Queiroz (2006) a partir de políticas de Cuidados Paliativos, buscou-se resgatar um simbolismo mais natural perante a morte. Compreendendo-a de forma mais sensível, permitindo a proximidade da família, respeitando as escolhas do paciente na finitude.

Aqui percebe-se claramente, variadas significações para um evento biologicamente natural. Esses significados alternam-se conforme as influências culturais, sociais e, atualmente, tecnológicas e científicas. Torna-se importante resgatar esses aspectos, pois são essas simbolizações que interferem diretamente sobre o luto vivenciado

pelos familiares e entes próximos do falecido, evidenciado que o luto é associado às crenças que se tem sobre a morte.

Gabriel (2018) em sua pesquisa com mães enlutadas, trazem que os principais aspectos que se destacaram enquanto facilitadores foram a religiosidade, a compreensão da morte enquanto possibilidade dos pais tornarem-se pessoas melhores, as boas recordações e memórias e acreditar que o filho(a) estejam melhores.

Franco (2008) entende que o luto sentido pela perda de uma pessoa próxima, é um fenômeno universal. Ao mesmo tempo, é um momento de maior desorganização e causador de maior instabilidade emocional e comportamental de uma pessoa. Através do luto, surge a necessidade de ressignificar a relação com a pessoa que morreu e ao mesmo tempo transformar a sua própria identidade pessoal, por parte de quem vivencia o luto. Nesse sentido, Parkes (1998) destaca que:

Quando alguém morre, uma série de concepções sobre o mundo, que se apoiavam na existência da outra pessoa para garantir a sua validade, de repente, passam a ficar sem essa validade. Hábitos de pensamento que foram construídos ao longo de muitos anos precisam ser revistos e modificados, a visão do mundo da pessoa precisa mudar.

Para Gabriel (2018) os fatores que se constituem enquanto dificultadores no processo de luto, foram identificados como a qualidade de relacionamento com o filho, as características, o episódio e a própria ausência do filho. A questão do relacionamento também é descrito na pesquisa de Davel e Silva (2014) que transcreve a fala de uma mãe: “fui muito exigente com ela...se eu soubesse que ela iria embora tão cedo, não teria exigido tanto”. Esses, podem resultar em sentimentos de raiva, de ressentimento, o que vem de encontro com os descritos por Feijoo (2021) acima.

Gonçalves (2014) traz compreensão semelhante ao destacar que, aqueles que perderam um ente querido por suicídio geralmente relatam níveis mais altos de sintomas específicos, como sentimentos de rejeição ou abandono, vergonha, estigma, responsabilidade e culpa.

Nossa primeira hipótese foi de haver a presença do sentimento de culpa em ambos os pais. De acordo com a literatura analisada, pode-se perceber que essa hipótese se

confirmou em diversos estudos (DAVEL; SILVA, 2014, FEIJOO, 2021, GONÇALVES, 2014, LUZ et al, 2017).

De acordo com Pandolfi (2012) entre os fatores que podem causar complicações no processo de luto, observa-se negação, repressão, inibição, cronificação ou adiamento do processo de luto ligado à perda e à dor. Esses fatores podem ser acentuados em uma cultura que faz com que as pessoas se controlem não se manifestem e vivam como se a morte não existisse. Não há padrões que definam quando um ou outro processo está se instalando, porque também devem ser levadas em conta a maneira de ser das pessoas e suas formas de lidar com situações de crise, ou seja, é imprescindível se considerar aspectos individuais e subjetivos, contextuais e culturais.

O luto nos pais que perderam um filho por suicídio

Pensando nos muitos tabus e preconceitos que o suicídio traz, os pais se encontram em profundo desamparo e vergonha. Esse choque de morte, escândalo, leva à confusão e a uma forte mistura de emoções como culpa, raiva e vergonha. A partir do momento em que a notícia da morte é dada, ou mesmo presenciada, há inconsistência e descrença no ocorrido (LUZ et al., 2017).

Os familiares nesse sentido estão de luto e, além da dor de perder um ente querido, há também a dor da culpa por não perceber os sinais. Ainda há alguns que estão indignados, revoltados com o ato em si. Não há dúvida de que tudo isso afeta muito a vida principalmente de pais que perderam um filho por suicídio. Portanto, o preparo e o acompanhamento desses, através de cuidados de profissionais é muito importante (FEIJOO, 2021).

De acordo com a posição do autor acima, confirme nossa segunda hipótese, em que pais que não possuem estratégias de enfrentamento, tendem a desenvolver o luto patológico. Ainda de acordo com o autor, essas estratégias de enfrentamento, podem ser potencializadas a partir do acompanhamento terapêutico, principalmente com profissionais da psicologia.

Se já é difícil falarmos sobre a morte em seus diversos contextos, no caso do suicídio, enfrentamos muito mais dificuldades. Culturalmente evitamos falar da morte e

muitas vezes tratamos como um tabu, buscamos evitar o assunto e muitas vezes não nos preparamos para encontrara finitude. A morte é um processo da vida que na causa dor e sofrimento pela perda de quem tanto amamos.

O suicídio é um fenômeno complexo com efeitos individuais e coletivos que ocorre devido à convergência entre fatores de risco genéticos, psicológicos, sociais e culturais, além de traumas e perdas de experiência (BOTEGA, 2014).

O processo de luto nos pais que perdeu um filho é sempre doloroso e muitas vezes com emoções negativas, principalmente frente ao suicídio, que se constitui em um episódio difícil de discutir. A própria morte, mesmo que faça parte do processo natural da vida, é difícil de ser aceita em nossa sociedade, e essa dificuldade é exacerbada quando se trata de jovens. Quando se trata de suicídio, a aceitação é ainda menor. A morte de um jovem por suicídio cria problemas, reações e emoções negativas como depressão, culpa, dor, angústia, discussões e conflitos entre os pais individualmente (OLIVEIRA; MACHADO, 2018).

A experiência de enfrentar a perda de um ente querido que tem um vínculo afetivo tão forte quanto um filho e/ou filha pode ser muito dolorosa. Prejudica e expõe a incompetência do próprio ser humano. Esta é uma interrupção não esperada. Em termos de tempo, esse caminho não é esperado, pois o caminho natural da vida será o caminho dos filhos enterrando seus pais idosos. No entanto, isso nem sempre é o caso. Esta é uma perda sem retorno. Há uma sensação de dormência, protesto, solidão e dor intensa. Os pais se perguntam o que fariam sem seu filho tão esperado e querido. Há sonhos, esperanças, expectativas, fantasias e desejos. E, após a morte, na maioria dos casos, os pais se perguntam como lidar com tudo isso, principalmente a solidão e o vazio (PANDOLFI, 2012).

Para Rangel (2012), a morte por suicídio é outra fonte de dilemas morais enfrentados pelos pais. Alguns pais se culpam por questões parentais relacionadas a seus filhos falecidos, sejam apropriadas ou não; outros, por possíveis vulnerabilidades genéticas em famílias suicidas; outros, ainda, por responsabilidade e incapacidade de evitar a morte. Ressalta-se a questão da imprevisibilidade da morte, que surpreende os pais, pode continuar indefinidamente devido à irrealidade, que pode fatalmente complicar o luto posterior.

Rocha et al (2019) contribuem ao confirmar a nossa terceira hipótese, na qual o luto dos pais por suicídio de um filho é o mais doloroso e conseqüentemente o mais difícil de ser superado. De acordo com os autores, o luto por suicídio pode ser o mais difícil para as famílias compreenderem e aceitarem, e os familiares muitas vezes trazem elementos em suas falas para expressar dúvidas sobre o porquê. Considerar que essa prática não se enquadra no conceito de morte previsível, que ocorre no momento oportuno por causas biológicas. A morte súbita repentina, tarde demais para se preparar psicologicamente, pode fazer com que os entes queridos percam o controle; a morte causada por comportamento violento, como o suicídio pode causar medo e insegurança (PANDOLFI, 2012).

Para Oliveira e Machado (2018), o suicídio de um filho tem impacto direto na relação conjugal dos pais, tanto no enfrentamento da perda de apoio ou ajuda, quanto no distanciamento entre as partes. O processo de luto dos pais pode ser amenizado com base nos vínculos intrageracionais e Inter geracionais, no núcleo familiar, no apoio dos amigos e nas suas crenças sobre a vida e a morte e como se relacionavam com o filho antes do suicídio. Nesta última dimensão, a relação pais-filhos, anterior ao suicídio, pode ser um fator positivo ou negativo no luto parental, pois começam a surgir questões não resolvidas, conflitos e ideias sobre como poderiam ter evitado a morte.

Segundo Sanchez (2012), na maioria dos casos o pai é responsável por aspectos específicos da morte, como processo legal, escolha do tipo de caixão, velório, sepultamento, etc. Muitos pais assumem essas tarefas, liberando as mães desses procedimentos que exigem decisões mais práticas. Dessa forma, algumas pessoas atrasam o luto, dificultando o processo. Os pais são mais propensos a expressar raiva do que as mães em situações tristes. Quando os pais expressam raiva, eles desviam suas emoções reprimidas e, da raiva expressa, são capazes de chorar, expressar dor e aliviar a dor. As mães, por outro lado, começaram a chorar e, quando questionadas, expressaram sua raiva.

Segundo Sanchez (2012), os homens enfrentam a dor da perda engajando-se em certas tarefas relacionadas ao luto e lidando mais ativamente com pensamentos de perda. Segundo os autores, alguns recorrem a atividades criativas: música, poesia, arte etc.; outros se envolvem em grupos com objetivos gratificantes, outros controlam suas mentes de forma saudável, buscando ser mais cognitivos e práticos no processo de luto. No

entanto, em muitos casos os pais responsáveis por aliviar a dor da família sentem-se sobrecarregados, e alguns acabam retardando o processo de luto, levando a sintomas psicossomáticos como: irritabilidade, atividade frenética no trabalho, uso de bebidas e medicamentos, o que pode também compreendido enquanto uma fuga do processo do luto.

No que diz respeito ao luto materno, Serra e Freitas (2020) ressaltam que este destaca particularmente sua singularidade. Mesmo levando em conta as condições de diversidade oferecidas pelos horizontes históricos e culturais, apresenta certas peculiaridades que o distinguem mesmo em diferentes culturas ou outros períodos históricos, como particularmente importante e difícil diante de outra experiência de luto. Na literatura, o luto pela perda de um filho é descrito como uma experiência sem fim que dura a vida toda, quem perde um filho, ainda continua sendo a mãe ou o pai, mas de um filho ausente, quando essa perda e em relação ao suicídio do filho, os pais podem sentir um forte sentimento de culpa pelas demandas supostamente "erradas" (internas ou externas) da educação.

Se o luto parental é descrito como uma das experiências mais angustiantes da vida, o sofrimento parece estar mais do que qualquer outro tipo de morte, associado à depressão quando a causa da morte é o suicídio (SERRA; FREITAS, 2020). Considerando que os laços que unem mães e filhos são os mais fortes nas relações humanas (SANCHES, 2012), a vida dos pais após o evento nunca mais será a mesma.

Apesar de levar em conta a dimensão social que permeia o processo de construção, as pesquisas sobre construção de sentido diante da perda muitas vezes se concentram no sentido pessoal. Os seres humanos estão inseridos em uma rede de significados, e suas experiências são imbuídas de significados que lhes são atribuídos por eles mesmos e por seus contextos (PANDOLFI, 2012).

O nascimento de um novo filho é comum após o suicídio de um filho, e a grande questão é como esse novo membro da família se encaixará, como salvador, substituto ou incômodo. Nesse contexto, é necessário ter atenção especial nessas situações, pois emoções negativas podem ser despertadas e os pais podem não conseguir cuidar adequadamente do novo membro da família (OLIVEIRA; MACHADO, 2018).

Existem inúmeros estilos de enfrentamento diferentes que respondem à dor. Os sentimentos dos pais quando procuram respostas para o suicídio são muitas vezes baseados em perguntas "e se", "por que" e "o que poderia ter sido feito". Com isso, o luto torna-se mais doloroso e passam a "lembrar" passos, fracassos e diferenças que possam ter ocorrido (OLIVEIRA; MACHADO, 2018).

Os autores também ressaltam que a morte súbita exige uma separação repentina da pessoa enlutada e, portanto, nenhum preparo prévio, o que é comum nos casos do suicídio e gera fortes sentimentos e dúvidas ao tentar entender o que causou a motivação para a morte da pessoa. Esses sentimentos impactam diretamente sobre as mudanças inesperadas no equilíbrio familiar, no comportamento e nas tentativas de entender os próximos passos como família.

Além do impacto físico e mental deste incidente, marido e mulher também podem ser severamente abalados em seu casamento e estrutura familiar. O autor garante que todos passam pelo processo de luto de forma absolutamente pessoal. Reforça nesse sentido, a necessidade de encorajar os pais a falar sobre a morte de seu filho, como, onde e como ele morreu, e falar sobre seus sentimentos como desafio, raiva, culpa, saudade e dor para compartilhar o luto. Assumir esse estado desorientado, entorpecido, tentar entender o processo pelo qual estão passando é uma forma de buscar aceitar a perda (SANCHES, 2012).

Os pais enlutados têm que enfrentar uma situação para a qual nunca estiveram preparados, como ter que decidir sobre os bens do filho, como vivenciar os aniversários futuros do filho, festas, reuniões familiares. Os casais enlutados devem enfrentar e respeitar suas situações de luto, devem ser honestos sobre seus sentimentos nessas ocasiões e permitir-se descumprir obrigações sociais que podem gerar mais dor e sofrimento (SANCHES, 2012).

Os autores acreditam que em relação à culpa, os pais devem ser estimulados a compreender que na vida nem tudo está sempre sob o seu controle, que quando a morte ocorre, apesar das circunstâncias adversas, eles faziam tudo o que deveriam e poderiam ter feito, e um sentimento de culpa é normal, especialmente nestas ocasiões. Eles precisam perceber que ao conviver com a culpa, são autodestrutivos porque é uma forma de autopunição, por isso o trabalho racional com esse sentimento é fundamental para o

processo de luto. Os pais precisam ser gentis consigo mesmos, entender que não existem pais perfeitos e aceitar seus pontos fortes e imperfeições. O luto pode nunca ser completo, mas os pais podem suportá-lo de uma forma que não se esqueçam de outros compromissos na vida: trabalho, família, amigos, lazer, diversão, saúde e felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo central compreender as principais estratégias de enfrentamento ao luto após o suicídio de um filho. O ser humano é um ser social que vive com outras pessoas e tem uma forte tendência natural de estabelecer laços emocionais fortes. Portanto, é fácil entendermos que quando esses laços são ameaçados ou destruídos, surge uma forte reação emocional, a que chamamos de processo de luto.

Portanto o estudo alcançou o objetivo ao descrever que, pais que perderam filhos por suicídio vivenciam o luto de forma mais intensa, utilizando-se de estratégias de apoio social, da própria família, da religião, bem como a ajuda profissional, principalmente em grupos de psicoterapia.

Enquanto primeira hipótese desse estudo foi destacada a presença de sentimentos de culpa entre ambos os pais. Conforme destacado na literatura, confirmou-se essa hipótese, na medida em que os estudos comprovam que, frente ao suicídio de um filho, os pais vivenciam fortes sentimentos de culpa, principalmente por não ter percebido os sinais ou mesmo ter realizado algo que pudesse evitar o mesmo.

Nossa segunda hipótese estabelecida foi de que, quando esses pais não possuem estratégias de enfrentamento suficientes, tendem a desenvolver o luto patológico. A literatura colabora ao destacar que, quanto mais engajado for as ações de apoio desses pais, tendo principalmente o apoio conjugal e familiar, de amigos e o apoio social, o luto torna-se mais fácil de vivenciá-lo. No entanto, nos casos em que prevalece a culpa, a desestruturação da relação conjugal e falta desses apoios, o luto tende a tornar patológico, carecendo de intervenções específicas, o que colabora na confirmação da nossa hipótese.

Por último, nossa terceira hipótese, suicídio é uma agravante para o processo do luto dos pais, se confirmou fortemente na literatura. Dado a natureza desse contexto, a morte por suicídio é um acontecimento não esperado, o que torna o processo de luto mais doloroso e difícil de vivenciar. A literatura nesse contexto ainda colocou que, o suicídio

também desperta nesses pais, sentimentos de raiva, de negação, de culpa, de fracasso e até mesmo de vergonha, diante da contextualização social.

Diante desse contexto, foi possível evidenciar que, no luto por suicídio de um filho, a grande maioria dos pais, descritos na literatura analisada, tende a desenvolver estratégias de fuga e de negação. Tais aspectos foram evidenciados na negação do ocorrido, no envolvimento de atividades excessivas ou mesmo uso de substâncias químicas, a não participação de eventos familiares que lembrassem o filho ou mesmo a não frequência de lugares que despertassem a lembrança. Aspectos que colaboram no elucidado do nosso segundo objetivo específico.

A diferença entre o luto normal e o luto patológico é essencialmente a intensidade e a duração das respostas emocionais ao longo do tempo. No luto patológico, o enlutado desenvolve um olhar fascinante para o contato perdido e, portanto, não consegue superar uma ou mais etapas do processo. Esse tipo de luto aparecerá na forma de atraso da experiência em fases ou rejeição absoluta, ou na forma de luto muito forte e longo. Dessa forma, nesse estudo, de acordo com a literatura, a adolescência é mais suscetível ao luto patológico, uma vez que esse possui dificuldade em compartilhar sua dor e ao possuir geralmente vínculo afetivo mais intenso com o ente querido.

Portanto, deve-se considerar que todos vivenciam o luto de maneiras diferentes, todos expressam mais ou menos o luto, sendo impossível estabelecer um padrão para a reação da família após a morte. É seguro dizer que a pessoa deixada se sentirá sozinha e precisará de um meio de expressar tristeza. No luto, não há como acelerar esse processo de reestruturação e não há como aliviar a dor; mas pode-se estar presente para mostrar ao enlutado que ele não está sozinho, sua dor não é absurda, ele não é fraco e é necessário vivenciar a experiência da perda.

Com efeito, no que diz respeito à intervenção psicológica, os familiares devem procurar ajuda profissional que os ajude e encoraje a expressar e partilhar livremente os seus pensamentos e sentimentos, reforçando assim a importância de que reconheçam a perda e ajudá-los a encontrar a melhor maneira de superar os obstáculos emocionais tais como a tristeza, ansiedade, raiva, interioridade, desamparo, depressão, entre outros, evitando-se assim somatizações futuras.

Também é importante decodificar a normalidade do processo de luto, chamando a atenção para as oscilações que ocorrem ao longo do tempo. No caso de sentimentos internos, as discussões devem ser mantidas no relacionamento terapêutico para ajudar o enlutado a distinguir o interior real do interior fictício. No entanto, o profissional de saúde

mental não deve esquecer que na perda a dor não pode ser quantificada, e todos devem entendê-la de acordo com suas necessidades pessoais e suas características e reações específicas.

Portanto, é imprescindível aprofundar ainda mais o processo de luto, principalmente para estabelecer diferenças para que possa atender às necessidades por meio de um acompanhamento especializado e adequado das diferentes situações. E, como profissionais de saúde mental, deve-se estar preparado para lidar com a dor, o sofrimento e o medo da resistência ao luto, e aceitar a realidade da morte e/ou a possibilidade da mesma. E, dessa forma, considera-se importante que os futuros pesquisadores também estudem o tema, identifiquem as limitações de estudos anteriores e analisem diferentes variáveis e possibilidades, porque afinal, a perda, a morte é um evento inseparável da vida.

REFERÊNCIAS

APA. (2010). *Dicionário de Psicologia*. Porto Alegre: Artmed.

Araújo, E. S., & Bicalho, P. P. G. (2012). Suicídio: crime, pecado, estatística, punição. *Revista de Psicologia da IMED*, vol.4, n.2, p. 723-734.

Bantim, V. D. C. S. (2008). A despedida da vida no processo de morte: último fenômeno da existência. *Revista IGT na Rede*, v. 5, n. 9, p. 105-113.

Batista, N. O., Araújo, J. R. C., & Figueiredo, P. H. M. (2016). Incidência e perfil epidemiológico de suicídios em crianças e adolescentes ocorridos no estado do Pará, Brasil, no período de 2010 a 2013. *Rev Pan-Amazônica Saúde*. 7(4).

Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicol USP*, 25(3):231-6.

Bowlby, J. (1998). *Perda - Separação - Angústia e Raiva*. São Paulo: Martins Fontes.

Coelho Filho, J. F., & Lima, D. M. A. (2017). Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. *Psicologia Argumento*, v. 35, n. 88, p. 16-32.

Combinato, D. S., & Queiroz, M. de S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2006000200010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 22 nov. 2021.

Costa, et al. (2015). Revista Estação Científica – Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora Edição Especial VII Seminário de Pesquisa da Estácio e III Jornada de Científica da UNESA 2º semestre. In:

<http://portal.estacio.br/media/4623/avaliacao_psicologica_do_suicidio_no_brasil.pdf>. Acessado em: 23 mai. 2022.

Christante, L. (2010). *Com saída*. Unesp ciência.

Davel, A. P. C., & Silva, D. R. (2014). O processo de luto no contexto do API-ES: aproximando as narrativas. *Pensando famílias*, v. 18, n. 1, p. 107-123.

Durkheim, E. ([1897] 2014) *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Edipro.

Feijoo, A. M. L. C. (2021). Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. *Psicologia em Estudo*, v. 26.

Franco, M. H. P. (2008). Trabalho com pessoas enlutadas. In V. A. Carvalho (Org.). *Temas em psico-oncologia*. São Paulo: Summus,.

Gabriel, S. A. (2018). *Perdas insubstituíveis: o processo de reconstrução da identidade de mães em luto*. Tese de Doutorado.

Gonçalves, J. T. T. (2014). *Luto parental em situações de morte inesperada: reações à perda, estratégias de coping e percepção de qualidade de vida*. Tese de Doutorado.

Jamison, K. R. (2002). *Quando a noite cai: Entendendo o suicídio*. Rio de Janeiro: Gryphus.

Kübler-Ross, E. (1985). *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins Fontes.

Luto. (2021). In: Michaelis, Dicionário Online de Português. São Paulo: Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/luto/>. Acesso em: 30/10/2021.

Luz, L. et al. (2017). Suporte Psicológico a Pais Enlutados por Suicídio. Disponível em: https://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/suporte_psicologico_ao_luto_por_suicidio.pdf. Acesso em: 23 mai. 2022

MARTINS, Inês Milheiro Nunes. O processo de luto e estratégias de coping para pais. 2021. Tese de Doutorado.

Medeiros, L. A., & Lustosa, M. A. (2011). A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, v. 14, n. 2, p. 203-227.

Ministério da Saúde. (2021). *Ministério da Saúde divulga 1º boletim de suicídio no país; é a quarta causa de morte entre jovens*. Disponível em: <http://www.saude.ms.gov.br/2017/09/21/ministerio-da-saude-divulga-1-boletim-de-suicidio-no-pais-e-a-quarta-causa-de-morte-entre-jovens/>. Acessado em: 23 nov. 2021.

Novaes, R. N. (2010). A analítica fenomenológica da existência e a psicoterapia. In: FEIJOO, A. M. C. (Org.). *Tédio e finitude: da Filosofia à Psicologia*. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, pp. 177-199.

- Oliveira, A. A., & Machado, F. C. L. (2018). Adolescência, suicídio e o luto dos pais. *Revista Uningá*, v. 55, n. 2, p. 141-153.
- OMS (Organização Mundial de Saúde) (2015). Suicide prevention (SUPRE). Disponível em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acessado em: 23 nov. 2021.
- ONU - (2021). Campanha da ONU busca conscientizar população sobre prevenção ao suicídio, 2017. In: <https://nacoesunidas.org/campanha-da-onu-busca-conscientizar-populacao-sobre-prevencao-ao-suicidio/>. Acessado em: 23 nov. 2021.
- Pandolfi, Aghata et al. (2012). O que a morte não destruiu daquele que partiu: a construção de significados no processo de luto materno. *Dissertação* (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.
- Rangel, A. P. F. N. (2012). Dilemas éticos na morte de filhos. *O Mundo da Saúde*, v. 36, n. 1, p. 11-26.
- Rocha, Â. M. A. et al. (2021). A repercussão do suicídio no âmbito familiar: o sentido da vida dos sobreviventes. *Temas em Saúde*.
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Sanches, V. M. C. et al. (2012). Luto materno e o vínculo com o filho substituto. *Dissertação* (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP.
- Sartre, J. P. (1973). *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial.
- Serra, A. P. E., & Freitas, J. L. (2020). Luto Materno pelo Suicídio: impotência e desamparo diante das (im)possibilidades. *Revista do NUFEN*, v. 12, não. 3, pág. 19-37.
- Silva, B. F. A. et al. (2018). O suicídio no Brasil contemporâneo. *Soc. estado.*, Brasília, v. 33, n. 2, p. 565-579. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000200565&lng=en&nrm=iso> Acessado em: 23 mai. 2021.
- Worden, J. W. (1998). *Terapia do Luto: um manual para o profissional de saúde mental*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.

¹ Acadêmico Unisociesc – SC – contato: marcio.barbosa@edu.jaraguadosul.sc.gov.br

² Acadêmico Unisociesc – SC – contato: tuliolsimoes@gmail.com

³ Professora Orientadora – contato institucional: gislane.martins@unisociesc.com.br